



Os “Pobres em Espírito” na Igreja de Francisco: uma análise sobre a primeira Bem-aventurança de Mateus

*The “Poor in Spirit” in the Church of Francis:
An Analysis of the First Beatitude of Matthew*

*Mauro Aparecido Alves da Silva Júnior
Yan Pires da Silva*

Resumo

Para o presente artigo, é desenvolvida uma breve reflexão sobre a dimensão exegética e teológica das Bem-aventuranças apresentadas no Evangelho de Mateus. Busca-se compreender, de forma mais clara, os dados relevantes deste texto que se aplicam tenuamente aos discursos proferidos, pelo Sumo Pontífice da Igreja Católica, o Papa Francisco em suas catequeses sobre o texto em questão. Escolhe-se, por assim sendo, desenvolver uma reflexão sobre a primeira bem-aventurança. “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5, 3). Percebe-se que é evidente que dentro deste versículo, há uma síntese de todo o discurso das Bem-aventuranças, que se encontra no bloco maior, denominado Sermão da Montanha. Em suma, este artigo propõe analisar a Pobreza de Espírito como uma condição de abertura de coração, para que haja uma genuína mudança de vida, sendo esta, fruto de uma tomada de consciência que nos põe em direção a uma esperança escatológica, que já se faz presente na história humana, pelas ações de Jesus Cristo. O Papa Francisco, no entanto, atualiza esta mensagem, propondo que se recupere o verdadeiro sentido das Bem-aventuranças: a busca da felicidade através da simplicidade e humildade.

Palavras-chave: Papa Francisco. Evangelho de Mateus. Bem-aventuranças. Jesus Cristo. Pobreza no Espírito.

Abstract

For this article, a brief reflection is developed on the exegetical and theological dimension of the Beatitudes presented in the Gospel of Matthew. It seeks to understand,

more clearly, the relevant data of this text that tenuously apply to the speeches given by the Supreme Pontiff of the Catholic Church, Pope Francis in his catechesis on the text in question. We chose, therefore, to develop a reflection on the first Beatitude. “Blessed are the poor in spirit, for theirs is the Kingdom of Heaven” (Mt 5:3). It can be seen that it is evident that within this verse, there is a synthesis of the entire discourse of the Beatitudes, which is found in the larger block, called the Sermon on the Mount. In short, this article proposes to analyze the Poverty of Spirit as a condition for opening the heart, so that there is a genuine change in life, which is the result of an awareness that points us towards an eschatological hope, which has already makes present in human history, through the actions of Jesus Christ. Pope Francis, however, updates this message, proposing that the true meaning of the Beatitudes be recovered: the pursuit of happiness through simplicity and humility.

Keywords: Pope Francis. Gospel of Matthew. Beatitudes. Jesus Christ. Poverty in the Spirit.

Introdução

A Sagrada Escritura contém a beleza da autocomunicação de Deus na história da humanidade. Os Escritos Sagrados revelam como o povo de Deus foi assimilando a presença do sagrado em suas vidas. O Papa Bento XVI no discurso aos plenários da Pontifícia Comissão Bíblica em 2009 recorda um ditado de Orígenes: “a Sagrada Escritura é escrita no coração da Igreja antes do que em instrumentos materiais”.¹ A Escritura, portanto, antes de se tornar escrito é memória viva, é instrumento real da revelação de Deus, é vivência de um povo desejoso da Palavra.

É necessário dialogar com o texto sagrado, compreender que a Escritura tem um caráter comunicativo que não se restringe ao passado, pois, é um texto revelado. A exegese e a hermenêutica são instrumentos que nos permitem adentrar no mistério que há em cada texto. Cada passagem bíblica deve “ser lida e interpretada com o mesmo Espírito com o qual foi escrita”.² Para tanto, o contexto que o texto foi escrito, a complexidade que envolve a cultura, as circunstâncias da época e o objetivo do autor sagrado são de suma importância para compreender o conteúdo de fé que o escritor almeja transmitir ao leitor.

A fé é dom de Deus presente em cada pessoa, mas isso não significa que a vivência da fé é intimista, ao contrário, a fé é vivida dentro do seio de uma comunidade. Sendo assim, a Sagrada Escritura é escrita dentro de uma comunidade de fé em um

¹ BENTO XVI, PP., Discurso do Papa Bento XVI aos participantes da plenária da Pontifícia Comissão Bíblica.

² DV, 12.

contexto religioso, cultural e social concreto. Ademais, os escritos sagrados são de inspiração Divina, escritos em linguagem humana, pois, Deus fala ao homem de modo humano, como afirma a Constituição Dogmática sobre a Revelação *Dei Verbum*. Portanto, a Revelação divina apresentada ao ser humano por meio de linguagens, provém do Verbo Eterno do Pai, isto é, por meio D’Ele, tudo nos foi revelado, porque ele toma a fraqueza de nossa carne, torna-se semelhante aos homens.³

O Papa Francisco em seu primeiro discurso como Pontífice, guiado pelo Espírito Santo e iluminado pela Palavra de Deus, afirma aos fiéis que deseja uma Igreja pobre e uma Igreja para os pobres. Francisco não se refere apenas à pobreza material, mas aos pobres que reconhecem sua pequenez diante de Deus, que se reconhecem necessitados do Senhor: “Felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5, 3). Deste modo, para compreender a real significância da afirmação do Papa Francisco sobre uma Igreja pobre e para os pobres, desenvolvida desde o início de seu pontificado com a *Evangelii Gaudium* e suas catequeses sobre as Bem-aventuranças como uma referencial para o caminho evangélico, é necessário lançar-se por um caminho que deve interpelar-nos.

Sendo assim, o presente artigo consiste em três partes: (I) A teologia do Evangelho de Mateus, para realizar uma interpretação pautada em uma análise histórico-crítica; (II) O Sermão da Montanha, para adentrar na exegese e hermenêutica bíblica; (III) A análise da primeira Bem-aventurança, para adentrar em sua compreensão bíblico-teológica; e por fim, (IV) A contribuição teológica-espiritual do Papa Francisco com suas catequeses e inspirações para o caminho da Igreja concebida como comunidade de fiéis.

1. O Evangelho de Mateus

Os Evangelhos revelam a vida de Jesus e a forma como a comunidade de fé compreendeu e assimilou a presença do próprio Deus. A autorrevelação de Jesus não se restringe ao passado, é “Boa Nova” para todos os povos e para todos os tempos. Deus se revela na história e a partir da história, não é possível realizar uma dicotomia entre o Cristo da fé e o Jesus da história. A comunidade de fé, que viveu em um contexto histórico, faz sua experiência de fé em Jesus e assim transmite a verdade revelada.⁴

De fato, os Evangelhos relatam a autocomunicação de Jesus, entretanto, para adentrar no texto sagrado e compreender o sentido teológico, é necessário conhecer o contexto histórico, a cultura da época, o objetivo do autor sagrado, o porquê e o significado de cada palavra utilizada no texto. Todo este conjunto hermenêutico e exegético possibilitará uma melhor compreensão do texto sagrado. Além disso, os Evangelhos foram escritos após a morte e ressurreição de Jesus: “a fase que precedeu a redação dos evangelhos foi caracterizada pela transmissão oral e pela pluralidade de

³ DV, 13.

⁴ BROWN, R. E.; FITZMYER, A. A.; MURPHY, R. E., Novo Comentário Bíblico São Jerônimo, p. 149.

testemunhos e de comunidades que receberam, guardaram e transmitiram o patrimônio do ensinamento sobre Jesus”.⁵

A redação do Evangelho feita pelas comunidades, não deve ser compreendida como uma comunidade de fé que almejava desfigurar ou inventar a “Boa Nova”, o querigma anunciado por Jesus, mas sim de uma comunidade que desejava manter as tradições, que tenha “relido” as palavras e os feitos do Senhor, inserindo-os na própria vida, buscando nelas luz e estímulo para encontrar na existência um sentido positivo sob a luz do Espírito de Jesus, guia seguro da Igreja.⁶

O Evangelho de Mateus foi escrito por volta do ano 80 d.C., foi considerado o mais importante no início do cristianismo, pois, apresenta um texto bem estruturado, sistemático e didático. A comunidade de Mateus, segundo Marconcini provavelmente tem sua origem em Antioquia, na Síria, capital romana e terceira cidade do império, local em que os seguidores de Jesus Cristo recebem pela primeira vez o nome de cristãos (At 11, 26). Tem por predominância cristãos oriundos do judaísmo e uma minoria provinda do paganismo, porém, é uma comunidade mais aberta na interpretação bíblica e na aplicação da Lei.

O Evangelho de Mateus teria sua fonte no Evangelho marcano e na Quelle.⁷ “É também o evangelho que, mais do que os outros, trata de temas que afetam de perto a vida da comunidade e os interesses da Igreja dos primeiros séculos”.⁸ Não existe um consenso entre os estudiosos sobre o porquê Mateus teria escrito o Evangelho, há um objetivo catequético, doutrinal e ético, mas segundo Mascilongo é difícil de afirmar uma única motivação:

O primeiro evangelista narra a parte central de uma história iniciada no Antigo Testamento. Ele olha para o passado com as genealogias (1,1-7), as citações e frases evocativas de amplos contextos veterotestamentários, como “a Boa Notícia do reino” (4,13; 9,35;24, 14), palavra e doutrina do reino (13, 19.52); em seguida, perscruta o futuro, anunciando que todos os povos serão feitos discípulos graças à pregação dos enviados (28, 16-20).⁹

No Evangelho de Mateus a questão eclesiológica é enfatizada, tendo como principal questão a destinação universal da salvação, já que escreve para uma comunidade provinda do judaísmo, que também tinha um mundo diversificado.¹⁰ Sendo assim, Mateus busca interpretar o mundo bíblico a luz da revelação de Jesus para não provocar uma ruptura brusca com o judaísmo: ele não tem uma teologia e uma

⁵ MASCILONGO, P.; LANDI, A., Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 34.

⁶ MARCONCINI, B., Os Evangelhos Sinóticos, p. 28.

⁷ BROWN, R. E.; FITZMYER, A. A., MURPHY, R. E., Novo Comentário Bíblico São Jerônimo, p. 149-150.

⁸ MASCILONGO, P.; LANDI, A., Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 119.

⁹ MARCONCINI, B., Os Evangelhos Sinóticos, p. 130.

¹⁰ MASCILONGO, P.; LANDI, A., Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 182.

eclesiologia propriamente “cristã”, nem uma posição clara e unívoca sobre a relação com Israel. O que emerge claramente é a referência a Jesus, mas nunca é afirmado que o mestre se coloque “fora” de Israel.¹¹ Tal afirmação revela que a comunidade de Mateus vivia um momento de transição, sem que houvesse uma orientação definitiva no seio das comunidades cristãs. Deste modo, a Páscoa de Jesus não anularia Israel, mas inaugura um tempo novo, no qual o querigma deve ser anunciado ao povo de Israel e os pagãos (Mt 28,16-20; 19, 5-6).

2. O contexto do “Sermão da Montanha”

O Sermão da Montanha abrange como fundamento ensinamentos que atingem o ser humano e o provoca a dar uma resposta nova às raízes de sua própria existência: a lei mosaica.¹² Concorda-se em assumir, que o Sermão da Montanha é o primeiro dos cinco discursos centrais do Evangelho¹³ de Mateus e que traz uma carga escatológica de suma importância:

Do ponto de vista bíblico, poderíamos considerá-lo como sabedoria escatológica, ética e legal, ou como lei enquanto instrução (Torá) com vistas ao reino, que não se impõe coerciva, mas escatologicamente, uma fusão de diversos gêneros do AT. Os temas dominantes do sermão são o reino de Deus e a justiça. Sua estrutura pode ser vista a partir do esboço do evangelho: um exórdio ou preâmbulo (5,3-16) formado pelas bem-aventuranças e os ditos sobre o sal e a luz (que manifestam o sentido missionário da vida dos discípulos); a nova ética (5,17-7,12); seus princípios legais básicos (5,17-20); suas seis hipóteses (5,21-48); sua reforma das obras de piedade (6,1-18); e suas instruções adicionais (6,19-7,12) como amar a Deus com todo o coração, amor e força (instruções frouxamente organizadas em torno das necessidades da vida e culminando na regra de ouro); uma conclusão (7,13-27), um ensinamento sobre os dois caminhos, a fórmula da aliança que faz de Mateus uma extensão da teologia deuteronômica da história no NT; e uma parábola conclusiva.¹⁴

O Sermão da Montanha engloba inúmeros discursos de Jesus Cristo, que envolvem um convite a mudança definitiva, marcada pelo despojamento do homem velho e revestir-se do homem novo da nova criatura em verdade, justiça e santidade.¹⁵ Podemos afirmar que Jesus apresenta algumas exigências pesadas, mesmo sabendo que ninguém poderia cumpri-las com toda convicção. Entretanto, era necessário cativar as pessoas de boa vontade para assumir uma atitude de mais esforço:

Depois da destruição de Jerusalém (70 d.C.), eles tinham assumido o papel de chefes espirituais reconhecidos. Para criar um centro de unidade do povo disperso, tinham

¹¹ MASCILONGO, P.; LANDI, A., Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos, p.182.

¹² BROWN, R. E.; FITZMYER, A. A.; MURPHY, R. E., Novo Comentário Bíblico São Jerônimo, p. 148-149.

¹³ KONINGS, J., Jesus nos Evangelhos Sinóticos, p. 32.

¹⁴ BROWN, R. E.; FITZMYER, A. A.; MURPHY, R. E., Novo Comentário Bíblico São Jerônimo, p. 149.

¹⁵ KONINGS, J., Jesus nos Evangelhos Sinóticos, p. 35-36.

começado a codificar a herança judaica, centrada na conservação e interpretação da lei de Deus. A comunidade cristã de Mateus foi levada a interrogar-se qual fora a atitude de Jesus a este propósito. Sobretudo, pergunta-se se a sua interpretação da lei coincide com a rabínica. Antes ainda, quer saber se ele fora um dos tantos doutores da lei ou um mestre excepcional e único. A comparação com os grandes legisladores do AT impõe-se: é um novo Moisés, ou alguém maior que ele? O confronto torna-se muito polêmico, as relações, enrijecidas até a ruptura definitiva. O clima de contraposição entre alinhamentos opostos far-se-á sentir na redação do discurso da montanha.¹⁶

Jesus sobe ao Monte, senta-se e inicia um novo ensinamento. Subir o monte, é um sinal de proximidade de Jesus com o Pai. Os ensinamentos propostos nas primeiras Bem-aventuranças, dispõe do termo *makáριοι*, que quer dizer bem-aventurado¹⁷ ou feliz. Tal felicidade consiste em crer na promessa de receber consolo, herança, terra e descendência. Estas são promessas já previstas anteriormente no Antigo Testamento para àqueles que permanecessem fiéis ao Senhor, porque estes chegariam a uma terra que mana leite e mel (Ex 3, 7-10). Com Jesus, aqueles que o procurassem e o assumissem de forma definitiva receberiam à saciedade, a misericórdia e veriam a Deus (Mt 5, 6-8) e mais, teriam a honra de serem chamados filhos de Deus (Mt 5, 9). Mas como isso aconteceria, se todo judeu já era considerado filho de Deus? Jesus traz uma mudança de perspectiva, porque sua promessa abarca a dimensão escatológica, em outros termos, é uma promessa futura de comunhão no Reino dos Céus.¹⁸ As Bem-aventuranças, presentes no início do quinto capítulo do Evangelho de Mateus, apresentam uma comunidade receptora e que quer experimentar essa possibilidade de mudança plena.¹⁹

Com sua própria vida, Jesus retrata um caminho para felicidade, que visa o alcance do Reino dos Céus, afim de que superam o rigorismo da lei mosaica.²⁰ Esta promessa, enche a comunidade mateana, que sofria perseguições e calúnias, com um forte sentimento de esperança. Uma esperança que se concretiza no cotidiano daqueles que, pela fé no Cristo, buscam realizar no hoje da comunidade, uma vida comprometida com o Evangelho: “A proclamação do Evangelho será uma base para restabelecer a dignidade da vida humana nestes contextos, porque Jesus quer “dar vida em abundância” nas cidades. Um dos caminhos seguros para reverter essas realidades é precisamente arriscar-se no encontro que resgata”.²¹ Deste modo, não podemos compreender as Bem-aventuranças como um agrupamento de palavras, mas podemos supor que são um resumo de um longo discurso de Jesus que põe em evidência as virtudes a serem recuperadas pelas comunidades para atingir o futuro esperado.²²

¹⁶ FABRIS, R., BARBAGLIO, G., Os Evangelhos I, p. 104.

¹⁷ MCKENZIE, J. L., Bem-aventurança, p. 114.

¹⁸ KONINGS, J., Jesus nos Evangelhos Sinóticos, p. 38-39.

¹⁹ KONINGS, J., Jesus nos Evangelhos Sinóticos, p. 37-38.

²⁰ KONINGS, J., Jesus nos Evangelhos Sinóticos, p. 47-48.

²¹ NEF ULLOA, B. A.; BARBOZA GUIMARÃES, A., A Cultura do Encontro, p.8.

²² JEREMIAS, J. O Sermão da Montanha, p. 9-10.

O discurso é dirigido a comunidade messiânica que clama por uma vida nova. Por meio de Jesus, Deus Pai mostra-se descontente com a observância farisaica dos mandamentos, porque não correspondem com a vontade divina, que é viver como irmãos. Jesus revela uma nova face de Deus, que é uma vida no amor.²³ Por isso, a experiência amorosa que a comunidade busca compreender, revela uma identidade ímpar que o discípulo deve assumir:

O debate aberto na comunidade mateana dos anos oitenta tocava o núcleo da compreensão do mistério da pessoa de Cristo e, ao mesmo tempo, da verdadeira identidade do seu discípulo. A resposta de Mateus é precisa: Jesus não é redutível a um rabino de tendência legalista, zeloso observante de prescrições minuciosas e precisas. Com autoridade messiânica, ele veio para anunciar o Reino de Deus e revelar sua exigência fundamental de que as nossas existências se abram para uma orientação de vida entrelaçada de gestos concretos de amor. Este é o verdadeiro sentido da lei divina.²⁴

Em outros termos, se o Evangelho de Mateus é um testemunho escrito das primeiras comunidades que expressa o valor essencial da experiência de fé em assumir o Cristo, podemos afirmar que no Sermão da Montanha temos um enlace do processo comunitário, que busca edificar uma fé autêntica e não redutiva: “O encontro com Jesus e consigo mesmo impulsiona ao encontro com os irmãos para partilhar a maravilha da experiência do Reino e para colocar-se a serviço, a exemplo de Jesus”.²⁵ Destarte, a exemplo de Jesus Cristo, a comunidade mateana retrata uma interpretação da fé cristológica que estabelece equidade no primado do dom divino e no empenho humano de assumir a nova perspectiva inaugurada.²⁶ As Bem-aventuranças, portanto, afetam a vida pessoal e social, porque emergem de forma singular, transformando a lógica mundana da época, que passa da exclusão dos empobrecidos, para a sua inclusão. Em termos antropológicos, podemos dizer que há uma reabilitação destes grupos, para que possamos reassumir um lugar de dignidade na sociedade. É compreendendo a fé cristológica deste relato, que podemos vislumbrar a concretude do ideal de pobreza espiritual no mundo de hoje, e também no pontificado de Francisco.

3. Quem são os “Pobres em Espírito”?

Mas, por que o evangelista Mateus relata que o Reino é o prêmio merecido dos Pobres em Espírito? Esta raiz exegética, está fundamentada em um elemento sapiencial presente no Antigo Testamento: “Procurai a Iahweh, vós todos, os pobres da terra, que realizais o seu jugamento” (Sf 2, 3). Na profecia de Sofonias, os pobres ou humildes

²³ JEREMIAS, J. O Sermão da Montanha, p. 50-53.

²⁴ FABRIS, R., BARBAGLIO, G., Os Evangelhos I, p. 107.

²⁵ NEF ULLOA, B. A.; BARBOSA GUIMARÃES, A., A Cultura do Encontro, p.7.

²⁶ KONINGS, J., Jesus nos Evangelhos Sinóticos, p. 40-42.

são adjetivos que emergem da palavra hebraica *anawîm*. Estes, possuem um lugar privilegiado na Sagrada Escritura, em especial, nos livros proféticos porque clamam para que a justiça prevaleça a favor dos pobres, tidos estes como fracos e oprimidos. Ainda, em Sofonias, o termo *anawîm* recebe uma coloração moral e escatológica, sendo, portanto, os empobrecidos os israelitas submissos à vontade divina – o não cumprimento da Lei, traçaria o destino de seu julgamento final. Entretanto, Qumrã desvela um sentido mais claro a este termo, mostrando que existe uma identificação da comunidade com este estado de empobrecimento. Em outros termos, em Qumrã os pobres são aqueles que fazem as leis. Logo, o Deus ao qual são devotos é o seu vingador, o seu justiceiro.²⁷

Logo, quando vemos no início do Sermão sobre a Montanha (Mt 5, 1-12) que o Reino dos Céus é ofertado aos *anawim*, conseguimos comprovar que ainda se faz presente na mentalidade da comunidade Matena, sementes do profetismo desenvolvido anteriormente. É válido ressaltar, que a exegese bíblica coloca os empobrecidos como destino primordial do discurso de Jesus sobre o Reino de Deus. Este estado de pertença, está para além da interpretação economicamente deserdados, porque inclui também as classes vitimadas pelas estruturas, que vivem em um completo estado de desumanização. A nítida opção pelos empobrecidos, expressa por Jesus, manifesta uma declaração em favor dos pobres e não da pobreza. É uma expressão da complacência que seu Pai demonstrou anteriormente ao povo de Israel (Ex 3, 7-10). É uma declaração que vai na antemão do processo desumanizante que a comunidade vivenciava pela opressão imperial.

O gênero Bem-aventuranças assume o caráter de congratulação já presente na literatura sapiencial. O Deus justiceiro há de retribuir àqueles que são fiéis à Lei. Em um parâmetro escatológico, a “situação de felicidade é aqui determinada a partir da promessa divina da salvação futura”.²⁸ A pobreza em espírito (Mt 5, 3): “refere-se a fiéis que, confiando totalmente no poder de Deus, livram-se da ilusão de uma auto-redenção por força própria”.²⁹ O termo *anawim* aplicado nas Bem-aventuranças, deixa clara que a intenção de Jesus é mostrar que para se obter o Reino dos Céus, ofertado pela sabedoria divina é necessário mais que se opor as riquezas materiais: o mais importante de tudo é dispor-se a confiar em Deus. Mas os “pobres em espírito”, como termo de integração:

Trata-se de uma expressão que encontra seu correspondente mais próximo na fórmula dos textos de Qumran: “*anwê ruah*”, que significa exatamente humildade. Trata-se de um curvar-se em sentido metafórico. Refere-se a quem se inclina diante do Senhor, ao invés de erguer-se orgulhosamente. Deles é o *Reino dos Céus*, isto é, entrarão no mundo dos ressuscitados para a vida.³⁰

²⁷ MCKENZIE, J. L., Pobre; Pobreza, p. 729-732.

²⁸ FABRIS, R.; BARBAGLIO, G., Os Evangelhos I, p. 110.

²⁹ BAUER, J. B., Pobreza/Riqueza, p. 333-335.

³⁰ FABRIS, R.; BARBAGLIO, G., Os Evangelhos I, p. 113.

O Reino oferecido aos empobrecidos não se trata de um lugar escatológico-geográfico, mas delinea sobretudo, que a proximidade de Deus com a humanidade, dado que o Verbo se encarnou, exige uma mudança de perspectiva. Não se reduz à pobreza espiritual na abertura para Deus. Antes de tudo, é preciso tomar consciência de que felicidade e salvação futura não dependem fundamentalmente de nossos próprios méritos, mas de compreender que a destinação de todos os que creem e confiam, o Reino dos Céus. Fica inviável assumir o Sermão da Montanha como uma nova lei a rigor. É preciso compreendê-la como Evangelho, porque este deixa que o homem por suas próprias forças assuma este compromisso, em sua liberdade e gratuidade de coração.

O agir de Jesus em favor dos empobrecidos, refere-se a esta atitude evangélica de assumir uma ação que dê a todas as pessoas oportunidades de trabalho e vida digna. Logo, na esteira da *Evangelii Gaudium*, perceberemos que o Papa Francisco trata a busca da vivência da pobreza espiritual como um movimento de saída da autorreferencialidade para uma ação entusiasmada para o bem comum,³¹ porque quem escuta a voz de Deus e se deixa penetrar pela sua mensagem, estabelece um vínculo profundo com o Evangelho e um compromisso substancial com os empobrecidos.³² Em suma, compreender as Bem-aventuranças como Evangelho faz o homem ver o dom de Deus como elemento fundante de sua existência. Por isso, sua existência pode assumir um novo rumo, se sua experiência de fé exprimir em ações concretas, as virtudes do Reino proposta por Jesus, salvaguardando os empobrecidos, frágeis e excluídos de nossa sociedade.³³

4. Os “Pobres em Espírito” na ótica do Papa Francisco

Nos primeiros meses 2020, em suas catequeses o Sumo Pontífice trabalhou as Bem-aventuranças. Vale ressaltar, que no dia 13 de abril de 2014, Domingo de Ramos, o Sumo Pontífice ao enviar uma mensagem aos jovens, acerca da XXIX Jornada Mundial da Juventude, que aconteceria alguns anos depois da Cracóvia, em 2016, utilizou-se da primeira Bem-aventurança para explanar sobre o sentido de viver esta virtude:

Ao proclamar as Bem-aventuranças, Jesus convida-nos a segui-Lo, a percorrer com Ele o caminho do amor, o único que conduz à vida eterna. Não é uma estrada fácil, mas o Senhor assegura-nos a sua graça e nunca nos deixa sozinhos. Na nossa vida, há pobreza, aflições, humilhações, luta pela justiça, esforço da conversão quotidiana, combates para viver a vocação à santidade, perseguições e muitos outros desafios. Mas, se abrirmos a porta a Jesus, se deixarmos que Ele esteja dentro da nossa história, se partilharmos com Ele as alegrias e os sofrimentos, experimentaremos uma paz e uma alegria que só Deus, amor infinito, pode dar.

³¹ EG, 2.

³² EG, 201.

³³ MULLER, P. E., A Cristologia na *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco, p. 59-60.

As Bem-aventuranças de Jesus são portadoras duma novidade revolucionária, dum modelo de felicidade oposto àquele que habitualmente é transmitido pelos *mass media*, pelo pensamento dominante. Para a mentalidade do mundo, é um escândalo que Deus tenha vindo para Se fazer um de nós, que tenha morrido numa cruz. Na lógica deste mundo, aqueles que Jesus proclama felizes são considerados ‘perdedores’, fracos. Ao invés, exalta-se o sucesso a todo o custo, o bem-estar, a arrogância do poder, a afirmação própria em detrimento dos outros.³⁴

Deste modo, podemos compreender o porquê, no início de suas catequeses sobre as Bem-aventuranças, o Papa Francisco afirma que: “As bem-aventuranças contêm o “bilhete de identidade” do cristão – este é o nosso bilhete de identidade – porque delineiam o rosto do próprio Jesus, seu estilo de vida”.³⁵ Na compreensão de Francisco, assumir a fé em Jesus Cristo implica em empenhar-se pela dignidade comum.³⁶ Assim como Deus nunca desamparou seu povo no AT, Jesus permanece nesta mesma esteira fazendo-nos refletir sobre colocar tudo em comum (At 2). Essa identidade do cristão, a qual o Papa se refere, deve estar atrelada ao dado revelado na história, isto é, no próprio Jesus de Nazaré. O valor que Jesus traz a humanidade no Sermão da Montanha, é para todos aqueles que querem modificar suas vidas para aderir a um projeto consciente de vida que lhe promova a felicidade. Felicidade é o termo também utilizado para se referir aos bem-aventurados:

Mas o que significa a palavra “feliz”? Porque começa cada uma das oito bem-aventuranças com a palavra “feliz”? O termo original não indica alguém que tem barriga cheia ou está bem na vida, mas é uma pessoa que está em condição de graça, que progride na graça de Deus e no caminho de Deus: a paciência, a pobreza, o serviço aos outros, a consolação... Aqueles que progredem nesses aspectos são felizes e serão bem-aventurados.³⁷

Feliz seja o cristão que vive sua vida genuinamente e com gratuidade seus serviços. Meditar as Bem-aventuranças, deve nos levar a uma atitude de Jesus de subir a montanha, tomar contato com o Pai e ensinar: “(...) Jesus apresenta-Se como mestre divino, como novo Moisés. E que prega Ele? Jesus prega o caminho da vida; aquele caminho que Ele mesmo percorre, ou melhor, que é Ele mesmo, e propõe-no como caminho da verdadeira felicidade”.³⁸ Concordamos com Scanonne quando ele afirma que Francisco conduz a Igreja sob a ótica do seu discernimento inaciano que propõe uma ação histórica do Espírito.³⁹ Feliz é o cristão, que compreende sua identidade como uma construção de sua existência na comunidade, reflexo do amor divino e local aonde

³⁴ FRANCISCO, PP., Mensagem do Santo Padre Francisco para a XXIX Jornada Mundial da Juventude.

³⁵ FRANCISCO, PP., Catequeses do Papa Francisco, p. 159.

³⁶ SOUZA, N.; DIAS, T. C. S., O retorno da opção preferencial pelos pobres, p. 146-147.

³⁷ FRANCISCO, PP., Catequeses do Papa Francisco, p. 160.

³⁸ FRANCISCO, PP., Mensagem do Santo Padre Francisco para a XXIX Jornada Mundial da Juventude.

³⁹ SCANNONE, J. C., A ética social do Papa Francisco, p. 11.

o Reino acontece. Jesus instaura uma nova *práxis* de amor, postulada, que exige uma pobreza espiritual:

A atitude de Jesus é referência para a o agir daqueles que vivem a partir do Evangelho. Ao oferecer o amor e se importar com cada pessoa Ele resgata a sua dignidade e lhe aufer a capacidade de uma mudança de vida cujo centro está em sair de si, da sua autorreferencialidade e voltar-se para o outro. Este processo envolve uma conversão interior muito grande e um desejo de optar por uma nova lógica que é a de viver para os outros, a exemplo de Jesus. Ele não excluía ninguém, mas o acolhia e tornava seu discípulo.⁴⁰

Para assumir tal condição, tornar-se-á preciso ver que a pregação sobre o Reino dos Céus antecede a felicidade. Em outros termos, é preciso que a nova *práxis* instaure na consciência das pessoas um reconhecimento de sua condição de filhos de Deus e que por esta filiação são responsáveis de trazer ao mundo, no hoje da história a dimensão escatológica, de forma que transpareça na relação com os irmãos, as virtudes mencionadas pelo próprio Cristo, que são fruto do Espírito. Antes do Reino, é válido lembrar que o lugar predileto da revelação de Jesus são os pobres, os prediletos de Deus e do seu projeto salvífico. Só atinge a plenitude quem aprender a cuidar dos pobres.⁴¹ Por esta razão, o Papa Francisco afirma que os “pobres em espírito” são aqueles que são e se sentem pobres, mendigos, nas profundezas do seu ser. Jesus proclama-os bem-aventurados, porque o Reino do Céu lhes pertence.⁴²

A resposta do homem a esta adesão à pobreza espiritual, a esta abertura genuína a Deus representa sobretudo uma resposta de proximidade ao Reino que nos faz desabrochar em novas fontes e capacidades reais de amor – confiando que, por meio de sua criação, alcançaremos a plena salvação no futuro: “Em toda a sua vida, desde o nascimento na gruta de Belém até à morte na cruz e à ressurreição, Jesus encarnou as Bem-aventuranças. Todas as promessas do Reino de Deus se cumpriram n’Ele”.⁴³ Ao se referir ao Papa Francisco e sua dimensão nuclear discursiva sobre os empobrecidos, concordamos com Scannone porque ele nos clarifica um aspecto amplo desta realidade: o enlace de todos àqueles que se dispõem a ajudar o próximo, seja ele crente ou não crente de mesma fé como promotores de um futuro melhor.⁴⁴ Logo o Reino de Deus pertence aos espiritualmente pobres que entregam a própria vida, assim como o Cristo: doando a vida pelos homens.⁴⁵

Devemos, portanto, colocar nosso dom a serviço do Reino. E por meio desta promessa futura de Reino, fazer do presente um lugar da plena realização do Reino,

⁴⁰ MULLER, P. E., A Cristologia na Evangelii Gaudium do Papa Francisco, p. 82.

⁴¹ SOUZA, N.; DIAS, T. C. S., O retorno da opção preferencial pelos pobres, p. 145.

⁴² FRANCISCO, PP., Catequeses do Papa Francisco, p. 163.

⁴³ FRANCISCO, PP., Mensagem do Santo Padre Francisco para a XXIX Jornada Mundial da Juventude.

⁴⁴ SCANNONE, J. C., A ética social do Papa Francisco, p. 10.

⁴⁵ FRANCISCO, PP., Catequeses do Papa Francisco, p. 165.

assumindo as responsabilidades, a capacidade criativa e que nos leva à terra prometida. Assim, passamos a compreender nossa resposta à novidade do Reino de Deus: trata-se de voltado para si mesmo, harmonizar a vida com o ritmo do agir do Pai, de forma livre: “Nisso reside a verdadeira liberdade: quem tem este poder de humildade, de serviço, de fraternidade é livre. Ao serviço dessa liberdade está a pobreza louvada pelas bem aventuranças”.⁴⁶ Destarte, Francisco ensina que a verdadeira alegria se fundamenta no Evangelho, na intimidade com o Pai que mostra a força da ação do Espírito que impulsiona Jesus para estar a caminho e anunciar o Reino de Deus.⁴⁷ Da mesma forma, toda a sociedade deve, por assim sendo, assumir esta mesma atitude de Jesus de colocar-se a caminho de outrem em busca de viver uma pautada nas virtudes das Bem-aventuranças.

Conclusão

A compreensão e labor da exegese bíblica é tarefa fundamental para compreender a Sagrada Escritura, para adentrar na comunicação teológica presente em cada texto, para compreender a mensagem de Jesus. O Evangelho de Mateus, abordado neste artigo nos coloca em consonância com o Espírito de Jesus, que proclama as Bem-aventuranças, as quais o Papa Francisco denomina com a identidade do cristão. Identificar-se com Jesus é acolher o Reino, é deixar a Palavra de Deus ressoar no coração e construir um mundo justo e solidário.

O termo “pobre” apresentado neste artigo, tem seu sentido na entrega total a Deus, de crer e confiar no Senhor. Nos revela o caminho que cada cristão deve realizar: entregar-se a Deus em um caminho verdadeiro, sem excessos, pois, as Bem-aventuranças realizam em cada seguidor de Jesus uma mudança interna, nas profundezas do seu ser. É esta mudança interna que provoca alegria, sobretudo em relação à proximidade com Deus e o serviço aos irmãos. É uma mudança de vida, que se configura com gestos concretos de amor.

Jesus ao proclamar que o Reino dos Céus é dos Pobres em Espírito, além de anunciar que o Reino é de todo aquele que se entrega inteiramente a Deus, denuncia que as posses matérias e o coração endurecido não conduzem a Deus, ao contrário nos afastam do Senhor e nos colocam contra a vida de toda a comunidade humana. Deste modo, a pobreza de espírito transforma o coração, abre-o para a vida e coloca cada pessoa em consonância com o coração de Jesus. Ademais, ao proclamar que os pobres herdarão o reino dos céus, Jesus transcende a questão escatológica e inaugura um novo *modus operandi* no presente.

Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*, recorda que o Evangelho é um convite para ir ao encontro do outro, de enxergar-se no rosto dos irmãos e irmãs, na presença

⁴⁶ FRANCISCO, PP., Catequeses do Papa Francisco, p. 166.

⁴⁷ MÜLLER, P. E., A Cristologia na Evangelii Gaudium do Papa Francisco, p. 90.

de seus sofrimentos e suas alegrias. Francisco convida todos a assumir o papel como seguidores de Jesus em uma fé viva e verdadeira, para além do individualismo, colocando-se em consonância com o dom de si mesmo, e viver e anunciar o Evangelho, provocando de fato uma revolução da ternura, que brota do mistério do Verbo Encarnado, do próprio Cristo que assumiu nossa humanidade.⁴⁸

A reflexão do Papa Francisco conduz a humanidade para vivência das Bem-aventuranças, para o seguimento de Jesus, que se revelou através do mistério da encarnação e apresenta-se sob a forma de amar e servir, de se colocar em profunda intimidade com Deus e com os irmãos. Este é o caráter fundamental que todo discípulo-missionário deve ser capaz de edificar em sua existência, para assim, realizar este processo numa atitude de continuar num processo de conversão a partir do Evangelho.⁴⁹ Ademias, a solução nunca consistirá em escapar de uma relação pessoal e comprometida com Deus, que, ao mesmo tempo, nos comprometa com os outros. Sendo assim, as Bem-aventuranças ultrapassam os limites do egoísmo, da cultura da indiferença e coloca-se em um caminho de fé dentro da concretude da vida.

Referências bibliográficas

BAUER, J. B. **Dicionário Bíblico-teológico**. São Paulo, Loyola: 2000.

BENTO XVI, PP. **Discurso do Papa Bento XVI aos participantes da plenária da Pontificia Comissão Bíblica**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20090423_pcb.html>. Acesso em: mar. 2023.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2003.

BROWN, R. E.; FITZMYER, A. A.; MURPHY, R. E. **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo**: novo testamento e artigos sistemáticos. São Paulo, Paulus, 2011.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática *Dei Verbum***. São Paulo: Paulus, 1997.

FABRIS, R.; BARBAGLIO, G. **Os Evangelhos I**. São Paulo, Loyola, 2014.

FRANCISCO, PP. **Coleção Catequeses do Papa Francisco**: Volume 3. São Paulo, Paulus: 2022.

FRANCISCO, PP. **Mensagem do Santo Padre Francisco para a XXIX Jornada Mundial da Juventude**. Disponível em:

⁴⁸ EG, 88

⁴⁹ MULLER, P. E., A Cristologia na Evangelii Gaudium do Papa Francisco, p. 92.



<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20140121_messaggio-giovani_2014.html>. Acesso em: mar. 2023.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

JEREMIAS, J. **O Sermão da Montanha**. São Paulo, Edições Paulinas: 1978.

KONINGS, J. **Jesus nos Evangelhos Sinóticos**. Petrópolis: Vozes, 1977.

MARCONCINI, B. **Os Evangelhos Sinóticos**: formação, redação, teologia. São Paulo: Paulinas, 2001.

MASCILONGO, P.; LANDI, A. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2022.

MCKENZIE, J. L. **Dicionário Bíblico**. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

MÜLLER, P. E. **A Cristologia na *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco**: uma abordagem pastoral da pessoa de Jesus Cristo. Porto Alegre, 2018. 109p. Dissertação. Escola de Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

NEF ULLOA, B. A.; BARBOSA GUIMARÃES, A. A Cultura do Encontro: Palavras e Gestos em Francisco. **Franciscanum**, v. LXI, n. 172, p. 1-19, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-14682019000200009>. Acesso em: 20 mar. 2023.

SCANONNE, J. C. A ética social do Papa Francisco: o Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento. **Caderno de Teologia Pública**, v. 15, n. 135, p. 3-16, 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/cadernos/teopublica/135cadernosteologia_publica.pdf>. Acesso em: 20 mar.2023.

SOUZA, N.; DIAS, T. C. S. O retorno da opção preferencial pelos pobres: alguns aspectos a partir do pontificado do Papa Francisco. **Fronteiras**, v. 5, n. 1, p. 136-150, jan./jun., 2022. Disponível em: <<https://www1.unicap.br/ojs/index.php/fronteiras/article/view/2049>>. Acesso em: 20 mar. 2023.

Mauro Aparecido Alves da Silva Júnior

Graduado em Filosofia e graduando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Campinas / SP - Brasil
E-mail: mauro.aasj1@puccampinas.edu.br



ISSN 2596-2922

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.TeoP.2763-9762.2023v3n6p149

Yan Pires da Silva

Graduado em Filosofia e graduando em Teologia pela Pontifícia Universidade
Católica de Campinas
Campinas / SP - Brasil
E-mail: yan.ps1@puccampinas.edu.br

Recebido em: 27/03/2023

Aprovado em: 10/08/2023